

Demografia Histórica em Portugal, 1960-2010*

Maria Norberta Amorim¹
Paulo Teodoro de Matos²

Insistimos, hoje como ontem, na juventude da Demografia Histórica e na necessidade de alisar leitões e considerar divisórias (Amorim, 2000: 89-101). Mantemos o receio da diluição de conceitos sem que a aplicação disciplinar tenha tido oportunidade de explorar as suas virtualidades, mas vislumbramos já a articulação consequente entre Demografia Histórica e Demografia Contemporânea, entre Demografia Histórica e outras Ciências Sociais.

Assentamos que o objetivo da Demografia Histórica, tal como o objetivo da Demografia da era estatística, é a compreensão do ritmo de evolução das populações à luz da interinfluência das variáveis demográficas, distinguindo-se as duas disciplinas pelas fontes e recursos metodológicos utilizados. No entanto, o historiador-demógrafo de hoje, utilizando os recursos informáticos e com acesso às fontes específicas, é desafiado a debruçar-se sobre a evolução dos comportamentos demográficos do Antigo Regime à Contemporaneidade e o seu trabalho longe de se apresentar dispensável a partir da existência de censos credíveis, torna-se mais desejável pelas virtualidades da observação longitudinal das variáveis demográficas e pelas possibilidades de inserção dessas variáveis em contextos *culturais*, em sentido lato.

Embora a Demografia Histórica, a História da Família ou a História Social, se distingam pelos objetivos que perseguem, o labor metodológico da Demografia Histórica sobre fontes comuns, oferecendo bases de dados com acompanhamento sistemático de histórias de vida, abertas ao cruzamento de outras fontes, constitui uma rampa de lançamento para uma nova História da Família e para uma nova História Social.

A afirmação disciplinar da Demografia Histórica sofre maior perturbação pelas divisórias ténues com a História da População. Diferentemente de outros autores³,

* Versão portuguesa do texto *Historical Demography in Portugal, 1960-2010: An Account of the Historiography and Major Challenges*, European Social Science Conference, 2012, Glasgow)

¹ Investigadora do CITCEM (Universidade do Porto - Universidade do Minho)

² Investigador do CHAM (Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores).

³ Veja-se o número especial do Boletín de la Asociación de Demografía Histórica, XVIII, II, 2000 e as posições de David Reher e Massimo Livi-Bacci, especialmente.

entendemos a História da População como um conceito abrangente que integra e se enriquece com a Demografia Histórica, mas sem se confundir com ela. Fontes diversas podem perspetivar o evoluir da População desde os mais remotos períodos da existência humana, mas para nós só tem sentido falar de Demografia Histórica quando essas fontes permitem a análise demográfica.

Pesem embora as dificuldades iniciais de afirmação de uma disciplina que exige destrezas de historiador e preparação técnica de demógrafo, é a linha clássica de Demografia Histórica que hoje mais se impõe em Portugal. A par de investigadores isolados de maior ou menor renome, e de outros Grupos de Investigação que, usando fontes comuns, se aplicam na Mortalidade de Crise, na História da Família ou na História Social, é o NEPS/GHP (Núcleo de Estudos de População e Sociedade da Universidade do Minho, atual Grupo de História da Populações do Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória- CITCEM-Minho) que reúne hoje o maior número de historiadores demógrafos que se aplicam, em projetos de investigação do Antigo Regime à contemporaneidade, em dimensão nacional.

Seguindo uma linha de raciocínio que se nos afigura mais coerente, iremos nesta exposição procurar as raízes e seguir o desenvolvimento do NEPS/GHP, para depois abriremos o leque a outros investigadores.

O demógrafo Louis Henry e o arquivista Michel Fleury em 1956 com *Des registres paroissiaux à l'Histoire de la Population, Manuel de dépouillements et d'exploitation de l'état civil ancien*, assinaram a certidão de nascimento da Demografia Histórica. Havia sido descoberto um método eficaz de organização dos registos de nascimentos, casamentos e óbitos para reconstituição de famílias e conseqüente estudo da Fecundidade Marital, problema que preocupava, em período pós-guerra, aquele demógrafo francês. A metodologia de reconstituição de famílias de Fleury-Henry teria larga aceitação não só em França, mas também em outros países da Europa e mesmo fora dela⁴. Louis Henry não abria apenas a possibilidade da análise demográfica se alargar para períodos anteriores aos recenseamentos modernos. Uma autêntica revolução no campo da História restava eminente. À importância dada ao quantitativo, às metodologias de rigor, aliava-se o interesse pelas massas humanas, pelo homem

⁴ M. Fleury e L. Henry, *Nouveau manuel de dépouillement et d'exploitation de l'état civil ancien*, Paris, INED, 1965.

comum sem a clássica notoriedade histórica. No entanto, a Louis Henry, como demógrafo, interessava essencialmente a análise dos comportamentos de fecundidade em período de Antigo Regime e os investigadores que o seguiram nem sempre souberam explorar o filão que, para as ciências históricas, a sua metodologia continha.

Em França foi na ordem das centenas as monografias que se organizaram tendo por base a metodologia de reconstituição de famílias, enquanto em outros países da Europa se podem contar dezenas de trabalhos, num e noutro caso predominantemente trabalhos académicos que não chegaram a conhecer publicação. Por um lado, o fascínio das fontes, os registos paroquiais, exercia-se sobre os jovens investigadores. Tratava-se de fontes que aproximavam o investigador dos momentos essenciais da vida do homem, o nascimento e a morte, eventualmente o casamento, projetando essa unidade básica na diversidade das situações. Por outro lado, a metodologia usada constituía um esteio seguro no desenvolvimento de um trabalho de iniciado. Se os investigadores utilizavam a formação específica de historiador no tratamento das fontes, quando se tratava de explorar os dados eram as destrezas dos demógrafos que se impunham e aí o *Manuel de Démographie Historique* de Henry vinha em seu auxílio (Genève/Paris, Droz, 1967). Restava a frustração do historiador que não explorava das fontes uma enorme massa de informação sobre diversificadas facetas do quotidiano das gentes, muito para além da análise dos comportamentos demográficos.

Se os avanços no campo da Informática podiam facilitar o moroso trabalho manual de passar para fichas cada ato de batizado, casamento, ou óbito, e organizar as fichas de família, sem abandonar a metodologia Fleury-Henry, a especificidade de fontes nacionais e as exigências de historiador foram impondo novos desenvolvimentos metodológicos.

Em Portugal, embora o interesse dos genealogistas pelos registos paroquiais existisse desde há muito, foi a Prof.^a Virgínia Rau, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, que trouxe de França, nos finais da década de cinquenta do século passado, o interesse científico por essas fontes, com reflexo mais tarde num ensaio de sua autoria (Rau, 1961). Uma sua aluna, Maria de Lourdes Akola Neto, em 1959, publicou *A Freguesia de Santa Catarina de Lisboa no 1º quartel do século XVIII (Ensaio de Demografia Histórica)*, trabalho de dissertação de licenciatura. Não se tratava, como é óbvio, de reconstituição de famílias, que a própria Virgínia Rau entendia não ser possível com os registos portugueses. De facto, a identificação das

peças em Portugal, em período histórico, passava primeiro pelo nome próprio, o nome de batismo, e colhia o/s apelido/s na família alargada, não necessariamente nos progenitores, ou colhia apelido/s derivado/s da terra de origem, no caso de indivíduos migrantes. Anteriormente ao século XX, só em casos raros a mulher adotava o apelido do marido. Reconstituir famílias de forma sistemática em função do apelido do pai não se tornava viável com as fontes portuguesas.

Embora sem reconstituição de famílias, neste trabalho de Maria de Lourdes Akola Neto havia um levantamento nominativo da informação com dados interessantíssimos sobre ritmos de nascimentos, filiação ilegítima, volume de escravos, profissões dos pais ou padrinhos das crianças, ritmos de casamentos, agudização no volume de óbitos e outras circunstâncias que nos introduziam no quotidiano da comunidade. Trata-se de um marco importante na descoberta do interesse das fontes paroquiais portuguesas para os estudos de população e na abertura de uma fase de volumoso número de trabalhos académicos sobre essas fontes. Antes de 1974, antes de se terem eliminado nas Faculdades de Letras as dissertações de licenciatura, sucessivas gerações de licenciandos em História elaboraram os respetivos trabalhos a partir de atos de nascimento, casamento e óbito, subordinando-se, sem os atingir, aos objetivos da *escola francesa*.

De facto, o fascínio pelas fontes paroquiais por parte dos licenciandos em História da década seguinte, a de 1960, principalmente na Universidade de Coimbra, resultou em largas dezenas de trabalhos a seguir o modelo de *Santa Catarina de Lisboa*, com grande curiosidade histórica, mas sem reconstituição de famílias e sem a subsequente análise das variáveis demográficas.

Foi na Faculdade de Letras da Universidade do Porto onde Maria Norberta Amorim apresentou no início da década seguinte, em 1971, o primeiro trabalho baseado na reconstituição de famílias de Antigo Regime, *Rebordões e a sua População nos séculos XVII e XVIII. Estudo demográfico*. Esta obra seria publicada dois anos mais tarde pela Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

Os críticos que então se debruçaram sobre o trabalho valorizaram a viabilidade da reconstituição de famílias em Portugal, apesar da não transmissão linear de apelidos de pais para filhos, sem considerar que se tratava da criação de uma metodologia própria, diferente da de Fleury-Henry, que perseguia o indivíduo inserido numa cadeia geracional. O objetivo da metodologia não era apenas reconstituir a história reprodutiva

de casais, mas recrear o percurso de vida de cada indivíduo, ligando-o à geração anterior ou, se fosse o caso, à geração seguinte.

Embora sem novos avanços no plano metodológico, no sentido de comparar comportamentos no plano demográfico, a mesma autora publicou em 1980 *Método de exploração dos livros de registos paroquiais. Cardanha e a sua população de 1573 a 1800*, publicação do Centro de Estudos Demográficos do INE e ainda sobre paróquias transmontanas, “S. Pedro de Poiães de 1561”, *Brigancia*, 1983 e 1984.

A etapa seguinte, perseguida por Maria Norberta Amorim, seria a abordagem de uma zona urbana, mas a reconstituição de famílias de uma cidade trazia problemas novos a que era preciso dar resposta. Não se tratava só do volume de informação mas principalmente da forma como esta estava organizada. A cidade comporta em regra várias paróquias que se interpenetram pelo movimento das gentes, mas a informação sobre os atos vitais encontra-se organizada paróquia a paróquia. O acompanhamento do percurso de vida de muitas famílias implicava a aplicação de uma metodologia que cruzasse a informação interparoquialmente. Esse passo foi dado em 1985 com a apresentação na Universidade do Minho de *Guimarães de 1580 a 1819. Estudo Demográfico* (Amorim, 1987), a envolver dez paróquias intercruzadas, quatro urbanas e seis da envolvente rural, tornando possível o desenvolvimento de análises comparativas inter-zonas, usando a mesma periodização e a mesma metodologia. Embora as análises de variáveis como a nupcialidade ou a fecundidade não oferecessem dificuldades de análise, o objetivo de acompanhar sistematicamente percursos de vida via-se comprometido. A metodologia manual esbarrava com o volume da informação.

O esforço despendido foi enorme, desaconselhando o prosseguimento por essa via para um investigador isolado sem recurso a metodologias informáticas, mas estávamos em 1985 e um novo horizonte se abria com a difusão de computadores pessoais e bases de dados comerciais. Com o apoio de técnicos de informática da Universidade do Minho a metodologia Amorim de reconstituição de famílias foi evoluindo para a metodologia de *reconstituição de paróquias*. Não se pretendia apenas perseguir o objetivo de conhecer a história reprodutiva de cada casal, primeiro objetivo da metodologia francesa, ou mesmo de reconstituir as famílias em encadeamento genealógico, resultado conseguido até então pela metodologia que se seguia. O objectivo era, antes de mais, acompanhar o percurso de vida de cada indivíduo dentro de uma comunidade ou dentro de uma região mais ou menos alargada, identificando-o a partir da sua inserção familiar. Tecnicamente tratava-se de reconstituir famílias e

desdobrar a informação desse primeiro ficheiro num novo ficheiro de indivíduos recolhendo toda a informação conseguida no primeiro ficheiro, com possibilidade de abertura desse novo ficheiro a cruzamentos posteriores com outro tipo de fontes.

Em 1991 foi publicada na Revista da ADEH, e também na Universidade do Minho, *Uma Metodologia de Reconstituição de Paróquias*, que usava como ferramenta o *Dbase-III* para formar o ficheiro de famílias que se desdobrava no ficheiro de indivíduos sem perder os elos genealógicos.

A metodologia de reconstituição de paróquias foi aplicada sobre três paróquias açorianas contíguas intercruzadas, *Evolução Demográfica de três paróquias do Sul do Pico (1680-1980)* (Amorim, 1992). Pela primeira vez se estudavam comportamentos demográficos no horizonte dos três últimos séculos, com a mesma metodologia e o mesmo tipo de fontes, a envolver uma área interparoquial. Pela primeira vez era atingido o objetivo do historiador demógrafo de explicar a evolução de uma população partindo da análise cruzada das variáveis demográficas, de nupcialidade, fecundidade, mortalidade e mobilidade.

A satisfação pessoal da autora por esse trabalho era justificada por diversos motivos. O principal foi ter a possibilidade de demonstrar que a metodologia de reconstituição de paróquias abria novas perspetivas à análise demográfica, com possibilidades no campo da mortalidade e da mobilidade não permitidas pela simples reconstituição de famílias. Depois também porque as habituais limitações apontadas à Demografia Histórica, nomeadamente a estreiteza do campo de observação tanto no espaço como no tempo (Dupâquier, 1984: 94-116), iam caindo por terra. Como investigadora isolada havia trabalhado três comunidades num tempo de investigação aceitável, o que podia significar que novas equipas de trabalho poderiam ambicionar, a médio e longo prazo, estudar áreas bem mais alargadas. O estudo de trezentos anos de vida daquelas comunidades, do Antigo Regime aos finais do século XX, cobria um espaço temporal particularmente rico em mudanças, mudanças que a Demografia Histórica centrada no Antigo Regime pouco havia explorado. Sentia também o gosto comum à maioria dos estudiosos dos registos paroquiais ao estudar a sua própria comunidade de nascimento.

Enquanto *Guimarães de 1580 a 1819. Estudo Demográfico*, apresentado em 1985, pode ser considerado como um fim de via, não se vislumbrando como possível ir muito mais longe com metodologias manuais, a *Evolução Demográfica de três*

paróquias do Sul do Pico (1680-1980), de 1992, era um princípio de via, cujos horizontes continuam a ser promissores.

A criação subsequente do NEPS, a abertura de Mestrado em História das Populações e o lançamento de projetos subsidiados com um número apreciável de investigadores condicionaram a utilização consequente da metodologia de reconstituição de paróquias em várias dezenas de comunidades portuguesas, com uma ou outra aplicação em Espanha e no Brasil.

A afirmação do Grupo de Investigação vê-se refletida em 1998 no número especial do *Boletín de la Asociación de Demografía Histórica*. XVI –I, em que colaboraram onze investigadores: Maria Hermínia Barbosa, “Reconstituição de Paróquias e aprofundamento dos estudos de mortalidade infanto-juvenil da comunidade de Esporões (séculos XVII-XX)” ; Maria Norberta Amorim, “Fecundidade legítima em longa duração. A especificidade de comportamentos no Baixo Minho (1680-1980)” ; Helena Cristina Ferreira Machado, “Mães solteiras – uma abordagem geral” ; Miguel Monteiro, “Mobilidade geográfica e desigualdade social. Brasil destino de distinção” ; António Amaro das Neves, “Um enigma demográfico: a ilegitimidade no Minho do Antigo Regime” ; Maria Palmira da Silva Gomes, “Ruturas e continuidades no comportamento demográfico da população de Cortegaça (1583-1975)” ; José Alfredo Paulo Faustino, “Calvão (1670-1870). Estudo demográfico de uma Paróquia Transmontana. (Perspetiva comparada)” ; Rui Leandro Maia, “São Miguel de Barreiros, uma comunidade entre o campo e a cidade, 1700-1925. (Estudo demográfico)” ; Maria Hermínia Morais Mesquita, “A reconstituição de paróquias e o estudo dos comportamentos demográficos, O exemplo de uma paróquia açoriana: Criação Velha (1801-1993)” ; J. A. de Faria Pinto, “Estudo demográfico de uma paróquia algarvia: Conceição de Tavira (séculos XVIII e XIX)” ; Ana Sílvia Volpi Scott, “A contribuição da demografia histórica para a história da população e da família no Brasil”.

Uma nova aplicação informática, o SRP (Sistema de Reconstituição de Paróquias) desenvolvida por Fernanda Faria veio facilitar mais tarde os procedimentos (Faria e Henriques, 2004: 21-32).

Até ao momento, o trabalho mais abrangente da equipa de investigadores do NEPS/GHP refere-se à Ilha do Pico, nos Açores. Uma base de dados integrada a cobrir as 17 paróquias da ilha está em vias de se tornar uma realidade, tendo Carlota Santos desenvolvido já um estudo de Biodemografia sobre as 6 paróquias do concelho da Madalena (apresentado em 2004 e publicado em 2008). Mais dois trabalhos académicos

foram apresentados na Universidade do Minho a envolver cruzamentos interparoquiais. O primeiro referiu-se às 5 paróquias da cidade Angra, na ilha Terceira dos Açores, num longo século XVII (Mesquita, 2003). O segundo acompanhou o percurso de 6 paróquias do antigo concelho de Eixo, Aveiro, entre 1590 e 1910 (Ferreira, 2005). A reconstituição de outra ilha açoriana, a do Faial, está em curso e está também em curso o prolongamento para os séculos seguintes do trabalho sobre Angra, prolongamento já conseguido sobre Guimarães até 1910. Outras paróquias rurais dispersas, com maior incidência no Norte do país, mas também no Centro e no Sul, têm sido reconstituídas, ao sabor de interesses individuais, quase sempre académicos e quase sempre com o objetivo de análise demográfica.

No que respeita ao aprofundamento das análises e visões de sínteses a agenda sobrecarrega-se de questões em aberto, a que projetos subsidiados vão tentando dar resposta. É o caso dos dois últimos projetos do Grupo, subsidiados pela FCT (Fundação para a Ciência e Tecnologia), o primeiro que considerou, no quadro nacional, a análise longitudinal da Mortalidade, e o projeto em curso, coordenado por Carlota Santos, centrado na Demografia urbana (Urban Spaces: demographic and Social Dynamics in Portugal (17th-20th centuries)

O NEPS/GHP, com apoio de várias instituições, nomeadamente a Fundação para a Ciência e Tecnologia, a Direcção Regional dos Assuntos Culturais da Região Autónoma dos Açores e várias câmaras municipais, congregando uma equipa de investigadores de diferente formação da Universidade do Minho e de outras universidades portuguesas, tem hoje ambições muito concretas de alargamento das bases de dados demográficos no caminho da formação de uma *base de dados central*. Simbolicamente, a partir da paróquia de S. João da Ilha do Pico, a primeira onde se aplicou a metodologia de reconstituição de paróquias, todas as paróquias reconstituídas se irão integrando, após um cruzamento de dados entre a nova paróquia a entrar na base de dados central e aquelas que já fazem parte dessa base. Sobre qualquer indivíduo identificado como residente em duas ou mais paróquias distintas se procede ao enriquecimento do respetivo percurso de vida, obviando o risco de na base central surgirem indivíduos *fantasmas*. Procura-se a automatização possível dos procedimentos para o cruzamento entre bases de dados paroquiais, embora os trabalhos já conseguidos tivessem sido desenvolvidos manualmente.

As bases de dados decorrentes da aplicação da metodologia de reconstituição de paróquias sobre fontes paroquiais rigorosas, permitem ao historiador demógrafo atingir os grandes objetivos da disciplina, a explicação do crescimento positivo ou negativo das populações com base na análise das variáveis demográficas.

Se a metodologia de reconstituição de famílias permitiu conseguidas análises no campo da Nupcialidade ou da Fecundidade, o estudo de comportamentos individuais como os da Mortalidade e, quase sempre, da Mobilidade, esbarravam à partida com grandes dificuldades, comprometendo os estudos de síntese. As bases de dados decorrentes da reconstituição de paróquias, centradas no indivíduo, com as articulações familiares e sociais pertinentes, estão preparadas para responder a esses desafios.

Além da análise demográfica, o resultado dos trabalhos de reconstituição de paróquias expressa-se em outras vertentes, a Genealogia, a História da Família, a História Social, com enriquecimento dos Estudos de Comunidade.

Um primeiro produto visível da reconstituição de paróquias são as bases de dados genealógicas com suporte no programa *geneweb*, difundidas na *internet*. De momento, o NEPS/GHP disponibiliza no seu *site* (www.neps.ics.uminho.pt) 69 bases de dados paroquiais, sendo 2 do distrito de Viana do Castelo, 33 do distrito de Braga, uma do distrito do Porto, 2 do distrito de Aveiro, 3 do de Lisboa, e 28 da Região Autónoma dos Açores.

Trata-se ainda predominantemente de bases de dados sem cruzamento interparoquial, embora sobre o concelho da Madalena do Pico se tenha procedido à integração das suas 6 paróquias, a permitir importante aumento no nível de satisfação dos pesquisadores de genealogias.

O conhecimento das raízes suscita um interesse geral. O conhecimento das cadeias generacionais que nos precederam nos últimos três ou quatro séculos deixou de ser apanágio dos *filhos de algo*. O sentido de enraizamento pode ser, para todos nós, fator de satisfação e equilíbrio no mundo em mudança que vivemos.

Mas a base de dados resultante da metodologia de reconstituição de paróquias tem virtualidades que ultrapassam largamente o campo demográfico ou a curiosidade pelas raízes. Na medida em que acompanhamos o percurso de vida de cada residente,

inserido em cadeias genealógica, temos a possibilidade de cruzar a informação demográfica com fontes nominativas variadas. Podemos inserir socialmente os residentes e acompanhar a reprodução num tempo longo de estatutos de nascimento. É a riqueza da História das Comunidades, que nos levará à identificação mais precisa da Sociedade a que pertencemos.

Em termos de História da Família, a privilegiar tradicionalmente as abordagens micro, as bases de dados demográficas posicionam-se cada vez mais como incontornáveis. Não são só as questões sobre a dimensão da família, a idade ao casamento, os comportamentos diferenciais, as conceções pré-nupciais, os nascimentos fora do casamento, os casamentos consanguíneos, a homogamia social, a endogamia ou a exogamia geográficas, que interessam ao historiador da família e cujas respostas podem ser encontradas nas bases de dados demográficas. São também os problemas da propriedade, da reprodução social da família, da formação dos grupos domésticos, da proximidade da parentela, dos compadrios, problemas que encontram esclarecimento no cruzamento de fontes sobre essas bases.

Estudos sobre elites, sobre grupos profissionais, estudos de género, de crianças, de migrantes, de marginais, de escravos, podem sedimentar-se em análises quantitativas se recorrerem às bases de dados preparadas pelas metodologias da Demografia Histórica.

Em grande parte subsidiária da História Económica, a História Social tem demorado a encontrar o seu próprio rumo. Uma via sólida de desenvolvimento pode passar pelas bases de dados demográficas. Numa abordagem micro em História Social, a noção de comunidade é uma noção básica. Relacionando comunidade com meio ambiente, com bens apropriados e equipamentos coletivos, com parentesco e sentimentos de pertença, resta delimitar esse espaço onde um grupo de pessoas encontrou condições mínimas de sobrevivência, sociabilidade e reprodução. Essa delimitação não é apriorística. Embora se evidencie entre os historiadores a tendência para considerar a paróquia/freguesia como unidade de análise, tendência que decorre em parte dos constrangimentos das fontes analisadas, o levantamento dos laços de parentesco, a par da relação família-propriedade, podem evidenciar comunidades distintas numa mesma freguesia. As bases de dados demográficas, embora organizadas a nível de paróquia/freguesia, permitem identificar o lugar ou o conjunto de lugares onde as condições de afirmação do grupo se verificaram. Delimitado o espaço

privilegiado para a microanálise social, identificada a comunidade, o cruzamento de fontes diversas sobre as bases de dados demográficas pode conduzir a um conseguido aprofundamento sobre as formas de sociabilidade que permitiram a sobrevivência e reprodução do grupo. Os tombos, as listas fiscais, as matrizes prediais, os recenseamentos eleitorais, a informação notarial, com testamentos, escrituras de venda, doações, o espólio de sindicatos, a documentação de empresas, são apenas alguns exemplos de fontes nominativas com possibilidade de cruzamento com as bases de dados demográficas, enriquecendo os nossos conhecimentos sobre o percurso de vida das pessoas em causa e as formas de sociabilidade do grupo.

Embora a História Cultural pareça afastada da Demografia Histórica, não se passa assim se o investigador visa uma aproximação às vivências culturais das gentes que as fontes tradicionais ignoram. Em período pré-estatístico são muito escassos os nossos conhecimentos sobre as destrezas, hoje elementares, de leitura e escrita. As assinaturas dos intervenientes nos atos registados, particularmente nos casamentos e batizados, se identificados esses intervenientes no contexto paroquial, pode permitir uma nova compreensão dos hábitos culturais das populações dos séculos XVIII e XIX.

Para a Biodemografia e para a Genética a reconstituição de paróquias constitui um desafio ou mesmo uma esperança de futuro. Investigações atualmente em curso no campo das doenças hereditariamente transmissíveis poderão ter efeitos práticos, além do interesse científico.

Dentro do NEPS/GHP ou em ligação ao mesmo salientam-se seis trabalhos que abordam, por cruzamento de fontes, desde a História Económica à História Cultural, passando pela História da Família e pela História Social. Justino Pereira de Magalhães em *Ler e escrever no mundo rural do Antigo Regime. Um contributo para a história da alfabetização e da escolarização em Portugal* (1994), para atingir os seus objetivos usa bases de dados do NEPS. Três outros trabalhos datam de 1999: o de Elza Carvalho, *Basto (Stª Tecla) – Uma leitura geográfica (do século XVI à Contemporaneidade)*, onde se cruza a propriedade tombada com a base de dados demográfica, perseguindo o processo intergeracional de reprodução da propriedade; de Maria Norberta Amorim e Alberto Correia, *Francisca Catarina (1846-1940). Vida e Raízes em S. João do Pico (Biografia, Genealogia e Estudo de Comunidade)*, e o de Ana Sílvia Scott, *Famílias, Formas de União e Reprodução Social no Noroeste Português (séculos XVIII e XIX)*. Referimos depois o trabalho de Teodoro Afonso da

Fonte, *No limiar da honra e da pobreza. A infância desvalida e abandonada no Alto Minho (1698-1824)* (2005), e o de Paulo Matos sobre *O nascimento fora do Matrimónio na Freguesia da Ribeira Seca da Ilha de S. Jorge (Açores): 1800-1910* (2007).

As *Famílias* do Pico, que Maria Norberta Amorim vem apresentando entre 2004 e 2011, com oito publicações respeitantes a 7 das 17 freguesias que compõem a ilha, constituem um sistemático ensaio de cruzamento de bases de dados paroquiais, organizadas pela metodologia de reconstituição de paróquias, com fontes fiscais e paroquiais, no sentido de uma nova abordagem aos Estudos de Comunidade.

Outra linha de investigação, ainda baseada na exploração dos registos paroquiais teve desenvolvimento na Universidade Nova de Lisboa, sob a direcção inicial do demógrafo Manuel Nazareth que, em 1984, cria o mestrado em Demografia Histórica e Social. Foram explorados os registos de óbitos no sentido do estudo da mortalidade de crise, com produção importante para a própria cidade de Lisboa nos séculos XVI, XVII (Rodrigues, 1990) e XVIII (Matos, 1988; Rodrigues, 1995) e seu termo (Runkel, 1990), assim como para o Centro e Sul do país. Destaquem-se, entre vários, os estudos sobre as crises de mortalidade em Alenquer (1989), Évora (Morais, 1988; Mendonça, 2000), Fundão (Diogo, 1992) e Idanha-a-Nova (Moreira, 1994).

Nas décadas de 1980 e 1990 foi inegável o interesse pelo conhecimento das crises de mortalidade. Fora do seio da Universidade Nova de Lisboa várias outras monografias foram dadas à estampa, designadamente sobre a mortalidade no Alentejo interior (Borges, 1996), defendida na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Braga (David, 1992) e em Torre de Moncorvo - Trás os Montes (Tavares, 1997) ambas no quadro da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Jorge Alves (1986 e 1989) e Francisco Costa (1994), na Universidade do Porto, conseguiram mesmo, adaptando a metodologia Fleury-Henry, desenvolver análises sobre comportamentos demográficos de Antigo Regime trabalhando paróquias nortenhas. **CONVIRIA DESENVOLVIMENTO**

Mas não foi só a linha clássica de Demografia Histórica aberta por Henry que teve reflexo em Portugal. A influência de Peter Laslett e do *Grupo de Cambridge* também se fez sentir, em particular no desenvolvimento das metodologias agregativas

da demografia histórica⁵. É neste contexto que ganha relevo a acção de Manuel Nazareth e Fernando de Sousa (Faculdade de Letras da Universidade do Porto) e também de Maria Luís Rocha Pinto que conjuntamente gizaram um plano estratégico para o desenvolvimento da jovem disciplina em Portugal. Com o apoio da Fundação Gulbenkian na pessoa de Joel Serrão, historiador com bastante sensibilidade para com a Demografia Histórica, pretendia-se a criação de uma equipa pluri-disciplinar para retirar a Demografia Histórica do "marasmo e amadorismo em que tinha vivido" (NARARETH e SOUSA, 1981). Com evidentes ligações ao *Cambridge Group for Population Studies* e à emblemática figura de Peter Laslett, Manuel Nazareth e Fernando de Sousa publicam três monografias de referência sobre as populações de Salvaterra de Magos (1981), Coruche (1983) e Samora Correia (1987) em finais do Antigo Regime. Estes trabalhos, pioneiros no seu género, tiveram o mérito de explorar listas nominativas da população de grande riqueza para os finais do Antigo Regime. Estava aqui presente uma exigente crítica de fonte aliada a um forte pendor pedagógico.

O programa de desenvolvimento da disciplina pretendia, numa primeira fase, recensar os registos paroquiais portugueses e suas características, os trabalhos publicados na área da Demografia Histórica e ainda a recolha de outras fontes susceptíveis de interesse. Numa segunda fase visava-se a interpretação dos dados e a reconstituição das características demográficas de Portugal (Nazareth e Sousa, 1981 e 1983, 315-317). É difícil avaliar a eficácia deste programa. Quer no seio da Universidade Nova de Lisboa, quer na Universidade do Porto, mas também em Coimbra, Évora e no Instituto de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE) produziram-se nas décadas de 1980 e 1990 várias teses de mestrado sobre diversas áreas do país fazendo uso das metodologias agregativas. Grande parte destas monografias seriam orientadas por estes investigadores e de seus discípulos, nomeadamente Teresa Rodrigues, Maria Luís da Rocha Pinto e Gilberta Rocha. Porém, os importantes contributos e o dinamismo deste grupo são ainda insuficientes para a conclusão do ambicioso projecto delineado de caracterização dos regimes demográficos das diversas regiões portuguesas.

Parte deste ideário de investigação seria impulsionado, em 1990, pela criação do Centro de Estudos da População e Família (CEPFAM), uma unidade de investigação

⁵ Referimo-nos aqui essencialmente ao recurso dos registos paroquiais numa perspectiva que não envolve o cruzamento nominativo entre estes.

da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, liderado por Fernando de Sousa e com a participação activa de Manuel Nazareth. Numa primeira fase o CEPFAM esteve empenhado na linha de investigação "População Portuguesa: História e Prospectiva" donde resultaram três congressos (1994, 1996 e 1998) e o financiamento do mesmo projecto (1997-1999). Uma parte significativa destes trabalhos foi publicada pelo mesmo centro nos primeiros quatro números da sua revista *População e Sociedade*, com contributos de investigadores de inúmeras instituições académicas portuguesas e de diversas tradições da demografia histórica.

Em 1999 o CEPFAM alarga o seu campo de investigação passando a intitular-se Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade (CEPESE). Não descurando a linha de investigação centrada nas populações do passado o CEPESE passa, contudo, a recentrar muita da sua actividade nas estruturas económicas e industriais do passado português. Apesar de alguma perda de vitalidade no âmbito da Demografia Histórica e História das Populações, assinala-se o papel de Teresa Rodrigues Ferreira na liderança da linha de investigação "População. História e prospectiva". Sob a sua direcção publicava-se, em 2009, a *História da População Portuguesa*, obra de assinalável importância.

Além da publicação de diversas monografias demográficas do passado português foi relevante o interesse pela recolha, crítica e publicação de fontes demográficas anteriores à realização do primeiro censo moderno de Portugal (1864). Cabe aqui destacar Joel Serrão que em 1973 publica as *Fontes de Demografia Portuguesa 1800-1862* e de Fernando de Sousa que em 1979 estuda o censo de 1801. Mais recentemente Luís Espinha da Silveira (Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa) publicou o censo de 1801 e o numeramento de 1849 com importante estudo crítico e a associação da informação a sistemas de geo-referenciação (2001). Pelo meio ficam importantes trabalhos como os de João Pedro Ferro em torno da população portuguesa em finais do Antigo Regime (1995).

O estudo do grupo doméstico, com base nos róis de confessados ou nos registos das Companhias de Ordenanças, tem vindo a suscitar, desde o início dos anos 80 do século passado, interesses pluridisciplinares. Desde o trabalho de Robert Rowland de 1981, baseado naqueles últimos documentos, em que se faz uma aplicação adaptada da tipologia de Cambridge e o de Brian O'Neill (1981) utilizando róis de confessados, outros trabalhos foram surgindo na vertente da História da Família ou da História Social

mais do que na vertente demográfica. Destaquem-se a título exemplificativo os trabalhos de Guilhermina Mota (1990) Álvaro Ferreira da Silva (1993), Fátima Brandão (1994) e Gaspar Martins Pereira (1995).

No domínio da demografia histórica relativa aos territórios ultramarinos é importante destacar o papel de Gilberta Rocha e Artur Boavida Madeira. A primeira, antiga aluna de Manuel Nazareth, produziu no quadro da Universidade dos Açores diversos trabalhos sobre a demografia histórica açoriana, designadamente sobre a ilha de São Miguel em 1793 e do arquipélago dos Açores em 1849 (Rocha e Rodrigues, 1983). Sob a supervisão de Gilberta Rocha Artur Madeira (1999) desenvolveu importante trabalho sobre a demografia açoriana entre 1766 e 1820 explorando de forma sistemática o rico conjunto dos "mapas estatísticos da população" depositados no Arquivo Histórico Ultramarino, em Lisboa.

O estudo das populações coloniais portuguesas do passado pouco tem animado os investigadores portugueses, mesmo existindo abundante informação depositada nos arquivos nacionais, em especial, no Arquivo Histórico Ultramarino. Paulo Teodoro de Matos (Centro de História de Além-Mar/Universidade Nova de Lisboa) tem-se dedicado de forma sistemática ao estudo comparativo da demografia ultramarina entre 1750 e 1820, com base nos "mapas estatísticos da população" existentes para as diversas colónias desde a segunda metade Setecentista (Matos, 2011 e 2012).

A terminar este capítulo é importante destacar a significativa emergência e reconhecimento da Demografia Histórica dentro da historiografia portuguesa. A atestação está o destaque da importância do conhecimento da população e suas dinâmicas demográficas no seio das principais histórias gerais de Portugal sob a direcção de José Mattoso, Joel Serrão e Oliveira Marques. As sínteses aí produzidas, designadamente de José Vicente Serrão, Maria Luís Rocha Pinto, Oliveira Marques, Paulo Teodoro de Matos, Teresa Rodrigues e Sacuntala de Miranda constituem bom exemplo do longo terreno percorrido pela jovem disciplina em Portugal.

Alves, Jorge Fernandes (1986), *Uma comunidade rural do Vale do Ave – S. Tiago de Bougado, 1680-1849 (estudo demográfico)*, Porto, Faculdade de Letras, tese de mestrado, policopiada.

- Alves, Jorge Fernandes (1989), “Fecundidade natural do Vale do Ave – O exemplo de Bougado (1680-1849)”, *Revista da Faculdade de Letras – História, II série, vol. IX*, Porto, pp. 199-213.
- Amorim, Maria Norberta B. (1973), *Rebordãos e a sua população nos séculos XVII e XVIII*, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1973.
- Amorim, Maria Norberta (1980), *Método de exploração dos registos paroquiais. Cardanha e a sua população de 1573 a 1800*, Lisboa, Publicações do Centro de Estudos Demográficos do INE.
- Amorim, Maria Norberta (1983-84), “S. Pedro de Poiães de 1561 a 1830, *Brigantia*, Bragança.
- Amorim, Maria Norberta (1987), *Guimarães 1580-1819. Estudo Demográfico*, Lisboa, INIC.
- Amorim, Maria Norberta (1992), *Evolução demográfica de três paróquias do Sul do Pico (1680-1980)*, Braga, Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais.
- Amorim, Maria Norberta (1998), “Fecundidade legítima em longa duração. A especificidade de comportamentos no Baixo Minho (1680-1980)”, *Boletín de la Asociación de la Asociación de Demografía Histórica*, XVI – I, pp. 55-77.
- Amorim, Maria Norberta e Correia, Alberto (1999), *Francisca Catarina (1846-1940). Vida e Raízes em S. João do Pico (Biografia, Genealogia e Estudo de Comunidade)*, Guimarães, Universidade do Minho, NEPS, 1999.
- Amorim, Maria Norberta (2000), "Linha clássica de Demografia Histórica. Uma perspectiva optimista sobre a sua evolução", *Boletín de la Asociación de Demografía Histórica*, 2: 18 , pp. 89-104
- Amorim, Maria Norberta (2004), *O Pico. A abordagem de uma ilha. Vol I – As famílias. Tomo I – As Famílias de S. João nos finais do século XIX*, Município das Lajes do Pico/NEPS.
- Amorim, Maria Norberta, colaboração de Costa, José Carlos (2011), *O Pico. A abordagem de uma ilha. Vol I – As famílias. Tomo XI – As Famílias da Candelária nos finais do século XIX*, Município da Madalena do Pico/NEPS.
- Barbosa, Maria Hermínia Vieira (1998), “Reconstituição de Paróquias e aprofundamento dos estudos de mortalidade infanto-juvenil da comunidade de Esporões (séculos XVII-XX)”, *Boletín de la Asociación de la Asociación de Demografía Histórica*, XVI, pp. 21-53.
- Carvalho, Elza Maria Gonçalves Rodrigues de (1999), *Basto (Stª Tecla) – Uma leitura geográfica (do século XVI à Contemporaneidade)*, Guimarães, Universidade do Minho, NEPS.
- Dupâquier, J. (1984), *Pour la Démographie Historique*, Paris, P.U.F..
- Faustino, José Alfredo Paulo (1998) “Calvão (1670-1870). Estudo demográfico de uma Paróquia Transmontana. (Perspetiva comparada)”, *Boletín de la Asociación de la Asociación de Demografía Histórica*, XVI – I, pp. 183-214.
- Fleury, M. e Henry, L. (1965), *Nouveau manuel de dépouillement et d’exploitation de l’état civil ancien*, Paris, INED.
- Fonte, Teodoro Afonso da (2005), *No limiar da honra e da pobreza. A infância desvalida e abandonada no Alto Minho (1698-1924)*, Ancorensis Cooperativa de Ensino, CRL/NEPS.
- Gomes, Maria Palmira da Silva (1998), “Ruturas e continuidades no comportamento demográfico da população de Cortegaça (1583-1975)”, *Boletín de la Asociación de la Asociación de Demografía Histórica*, XVI – I, pp. 175-182.
- Henry, Louis (1967), *Manuel de Démographie Historique*, Genève/Paris, Droz.

- Machado, Helena Cristina Ferreira (1998), “Mães solteiras – uma abordagem geral”, *Boletín de la Asociación de la Asociación de Demografía Histórica*, XVI – I, pp. 79-95.
- Magalhães, Justino Pereira (1994), *Ler e escrever no mundo rural do Antigo Regime. Um contributo para a história da alfabetização e da escolarização em Portugal*, Braga, Universidade do Minho, Instituto de Educação.
- Maia, Rui Leandro (1998) “São Miguel de Barreiros, uma comunidade entre o campo e a cidade, 1700-1925. (Estudo demográfico)”, *Boletín de la Asociación de la Asociación de Demografía Histórica*, XVI – I, pp. 215-241.
- Matos, Paulo Lopes (2007), *O Nascimento fora do Matrimónio na Freguesia da Ribeira Seca da Ilha de São Jorge (Açores): 1800-1910*, NEPS.
- Mesquita, Maria Hermínia Morais (1998) “A reconstituição de paróquias e o estudo dos comportamentos demográficos, O exemplo de uma paróquia açoriana: Criação Velha (1801-1993)”, *Boletín de la Asociación de la Asociación de Demografía Histórica*, XVI – I, pp. 243-274.
- Mesquita, Maria Hermínia Morais (2004), *As gentes de Angra no século XVII*, Braga, Universidade do Minho (dissertação de doutoramento policopiada)
- Monteiro, Miguel (1998), “Mobilidade geográfica e desigualdade social. Brasil destino de distinção”, *Boletín de la Asociación de la Asociación de Demografía Histórica*, XVI – I, pp. 97-136.
- Neto, Maria de Lourdes Akola, *A freguesia de Santa Catarina de Lisboa no 1º quartel do século XVIII*, Lisboa, Publicações do Centro de Estudos Demográficos do INE, 1959.
- Neves, António Amaro das (1998), “Um enigma demográfico: a ilegitimidade no Minho do Antigo Regime”, *Boletín de la Asociación de la Asociación de Demografía Histórica*, XVI – I, pp. 137-173.
- O'Neill, Brian (1984), *Proprietários, lavradores e jornaleiras – desigualdade social numa aldeia transmontana, 1870-1978*, Lisboa, Publicações D. Quixote.
- Pinto, J. A. de Faria (1998), “Estudo demográfico de uma paróquia algarvia: Conceição de Tavira (séculos XVIII e XIX)”, *Boletín de la Asociación de la Asociación de Demografía Histórica*, XVI – I, pp. 275-295.
- Rowland, Robert (1981), “Âncora e Montaria, 1827: duas freguesias do Noroeste segundo os livros de registo das Companhias de Ordenanças” *Studium Generale/Estudos Contemporâneos*, 2-3, pp. 199-242.
- Santos, Carlota Maria Fernandes dos (2008), *Biodemografia do concelho da Madalena. Estrutura demográfica e genética de uma população açoriana da Ilha do Pico*, Município da Madalena do Pico/NEPS.
- Scott, Ana Sílvia Volpi (1998), “A contribuição da demografia histórica para a história da população e da família no Brasil”, *Boletín de la Asociación de la Asociación de Demografía Histórica*, XVI – I, pp. 297-353.
- Scott, Ana Sílvia Volpi, *Famílias, Formas de União e Reprodução Social no Noroeste Português (séculos XVIII e XIX)*, Guimarães, Universidade do Minho, NEPS, 1999.
- Trindade, Francisco Messias, *A antiga freguesia de Eixo e Oliveirinha e a sua população (1666-1900): estudo demográfico*, Aveiro, Câmara Municipal de Aveiro, 2001

Referências do Paulo

- BORGES, Emília Salvado (1996), *Crises de mortalidade no Alentejo Interior. Cuba (1586-1799)*, Lisboa, Ed. Colibri.
- BRANDÃO, Fátima (1994), *Terra, Herança e Família no Noroeste de Portugal. O caso de Mosteiro no século XIX*, Lisboa, Afrontamento.
- DAVID, Henrique (1992), *As crises de mortalidade no concelho de Braga, 1700-1800*, 2 vols, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- DIOGO, Helena Isabel Boavida Correia (1992), *As crises de mortalidade no concelho do Fundão, Cova da Beira, século XVIII*, Universidade Nova de Lisboa (policopiado).
- FERREIRA, Olegário Alberto Vieira, *As crises de mortalidade nas antigas vilas de Alenquer, aldeia galega da Merceana e seus termos nos séculos XVI e XVII*, Universidade Nova de Lisboa (policopiado).
- FERRO, João Pedro (1995), *A população portuguesa no final do Antigo Regime (1750-1815)*, Lisboa, Presença.
- MENDONÇA (2000), *Crises de mortalidade no concelho de Évora (1850-1900)*, Lisboa, Cosmos.
- MADEIRA, Artur Boavida (1999), *População e Emigração nos Açores (1766-1820)*, Lisboa, Patrimonia.
- MATOS, Ana Maria Cardoso (1988), *As crises de mortalidade em Lisboa no século XVIII*, Universidade Nova de Lisboa (policopiado).
- MATOS, Paulo Teodoro de (2011), 'The Population of the *Estado Português da Índia*, 1750-1820: Sources and Global Trends' in *Portuguese and Luso-Asian Legacies in Southeast Asia, 1511-2011*, vol. I, *The making of the Luso-Asian World: Intricacies of Engagement*, Institute of Southeast Asian Studies, Singapore.
- MATOS, Paulo Teodoro de (2012), "A Estatística da população no ultramar português, 1750-1820" in *Diafanias do Mundo. Estudos de Homenagem a Mário F. Lages*, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, 2012.
- MORAIS, Maria da Graça Cardoso Luís David (1988), *A mortalidade nas freguesias do termo da cidade de Évora na segunda metade do século XIX*, Lisboa, policopiado.
- MOREIRA, Maria João Guardado (1994), *Vida e Morte no Concelho de Idanha-a-Nova. Estudo de Demografia Histórica - século XVIII*, Lisboa, Livros Horizonte.
- MOTA, Guilhermina (1990), "Estruturas familiares no mundo rural. Grupos domésticos no bispado de Coimbra em 1801", *Revista Portuguesa de História*, Tomo XXIV, Coimbra.
- NAZARETH, Manuel Joaquim; SOUSA, Fernando (1981), "Aspectos sociográficos de Salvaterra de Magos nos finais do século XVIII", *Análise Social*, vol. XVII (66).
- NAZARETH, Manuel Joaquim; SOUSA, Fernando (1983), "A Demografia Portuguesa em Finais do Antigo Regime. Aspectos sóciodemográficos de Coruche" in *Cadernos da Revista de História Económica e Social*, nº4, Lisboa, Sá da Costa.
- NAZARETH, Manuel Joaquim; SOUSA, Fernando (1987), *A Demografia Portuguesa em Finais do Antigo Regime. Samora Correia em 1790*, colecção Estudos e Documentos, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais.
- PEREIRA, Gaspar Martins (1995), *Famílias portuenses na viragem do século (1880-1910)*, Porto, Afrontamento.

- ROCHA, Gilberta; RODRIGUES, Víctor (1983), "A população dos Açores no ano de 1849", *Arquipélago. Revista da Universidade dos Açores*, série Ciências Humanas, número especial.
- ROCHA, Gilberta; RODRIGUES, Víctor (1987), "População, Economia e Sociedade Micaelense em Finais do Séc. XVIII: O mapa da população de João Leite de Chaves e Melo Borba Gato" in *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, v. XLV, t. I.
- RODRIGUES, Teresa (1995), *Nascer e Morrer na Lisboa Oitocentista: Migrações, Mortalidade e Desenvolvimento*, Lisboa, Edições Cosmos.
- RODRIGUES, Teresa (2009) ed., *História da População Portuguesa*, Porto, Afrontamento/CEPESE.
- SILVA, Álvaro Ferreira da (1993), *Propriedade, Família e Trabalho no Hinterland de Lisboa. Oeiras, 1738-1811*, Lisboa, Cosmos, 1993.
- SILVEIRA, Luís Nuno da (2001). *Os recenseamentos da população portuguesa de 1801 e 1849*. Edição crítica, Lisboa, INE.
- TAVARES, Virgílio António Barbosa (1997), *Crises de Mortalidade no Concelho de Torre de Moncorvo, 1700-1850*, Universidade do Porto (policopiado).
- FERREIRA, Antero et. all. (eds) (2004), *SIA2D'04. Sistemas Informáticos para a análise de dados demográficos*, Guimarães, NEPS.
- (2004) SOUSA, Fernando, (1979), *A População Portuguesa nos inícios do século XIX*, Porto, Faculdade de Letras (policopiado)